

REPENSANDO AS DIFICULDADES ESCOLARES

Nilse Antonia Corte Bicudo*
Nerli Nonato Ribeiro Mori**

O presente trabalho versa sobre uma pesquisa de campo realizada em uma escola pública da cidade de Maringá, com o objetivo de por um lado conhecer e analisar as dificuldades escolares apresentadas por alunos da 3ª e 4ª série do Ensino Fundamental e, por outro lado, realizar uma intervenção de caráter educativo, voltada para a superação das referidas dificuldades. Trata-se, portanto, de uma pesquisa teórica associada com intervenção.

A escolha desse tema, para objeto de estudo, derivou-se de observações realizadas em sala de aula no ensino fundamental durante o estágio supervisionado do curso de graduação em Pedagogia, quando constatamos as dificuldades dos alunos para aprender os conteúdos e o abandono por parte dos professores para com eles, muitos consideravam esses alunos como casos perdidos.

Diante do exposto, entendemos ser necessário discutir que o problema da não aprendizagem é uma questão que interessa aos envolvidos no processo educativo, pelas conseqüências e pelas mazelas que causam às crianças, aos pais, e aos professores. E assim sendo, o papel do Coordenador Pedagógico é de suma importância, pois cabe a esse profissional fazer uma leitura abrangente da sua escola no contexto social, político e econômico que a envolve. É de sua responsabilidade também, orientar o professor no encaminhamento do processo ensino-aprendizagem, para alcançar os objetivos propostos.

Cabe ao Coordenador Pedagógico acompanhar e assessorar a aprendizagem resultante da relação entre professor e aluno mediada pelo conhecimento, e também fazer a leitura da escola como um todo e de uma determinada série ou classe de alunos, em particular. Um dos desafios para esse profissional no momento atual, centra-se nas dificuldades de aprendizagem e nos índices expressivos de crianças que ao final das quatro primeiras séries do ensino fundamental mal sabem ler e escrever.

Para contornar a situação, as autoridades governamentais implantaram propostas como aceleração da aprendizagem; projetos de adequação/correção idade/série; organização escolar por ciclos; classes

* Mestranda em Educação – UEM.

** Profa. Dra. do DTP – UEM.

aceleradas, todas voltadas para solução do fracasso escolar. Porém, essas tentativas não se concretizaram de forma satisfatória, pois ao promovê-las sem um acompanhamento adequado, apenas prorrogaram o problema.

Uma das propostas que ouvimos com mais ênfase nos dias atuais refere-se ao Ciclo Básico de Alfabetização (CBA), que tem por finalidade eliminar a reprovação nas séries iniciais, fazendo com que o processo de alfabetização se estenda por um período de tempo maior, assegurando dessa forma a continuidade do processo. A avaliação nesta proposta centrar-se-ia no processo de aprendizagem como um indicador, fornecendo informações sobre a necessidade ou não de aulas de reforço, enfim, a avaliação serviria para orientar os professores no auxílio dos alunos. Outro objetivo do CBA seria implantar novas metodologias rompendo com o tradicional. Enfim, reverter o quadro do fracasso escolar. Todavia, a proposta original foi desvirtuada na medida em que os alunos, ao apresentarem alguma dificuldade de aprendizagem foram promovidos automaticamente sem um acompanhamento adequado. Assim, encontramos hoje nas quartas séries um contingente significativo de crianças que estão muito distantes do que é esperado para a série em que estão.

O Coordenador Pedagógico deve atentar também para a questão dos diagnósticos feitos pelos professores da escola em relação aos alunos que não aprendem, tidos como casos clínicos. Depois de encaminhados a clínicas e analisadas, poucos são os que realmente apresentam alguma patologia. Muitas dessas crianças, depois de submetidas a uma intervenção pedagógica mais direcionada e que atenda as necessidades individuais, apresentam mudanças significativas.

Várias são as tentativas de buscar as causas e, conseqüentemente, a solução para o problema. As responsabilidades pelo malogro escolar são atribuídas em um determinado momento aos alunos, em um outro momento ao professor mal preparado, em outros à família, à instituição de ensino e ao sistema educacional vigente. Apesar de todos os estudos realizados sobre o assunto, uma grande parcela de nossas crianças continua à margem da educação, ou seja, excluídos do sistema escolar.

Algumas Explicações sobre o Fracasso Escolar

Recorremos a teoria de vários autores, na tentativa de compreender um pouco mais sobre a questão do fracasso escolar, e podemos citar Patto (1996), segundo a qual faz-se necessário entender o contexto histórico no qual o fracasso foi produzido. Para a autora, com a consolidação do capitalismo industrial no séc XIX, a burguesia conseguiu a dominação do poder econômico e político. Dessa forma, os ideais burgueses foram sendo deixados de lado. O ideal de mundo fraterno e livre, tornou-se incompatível com o sistema capitalista.

No final do século XIX, o cenário que se via era de pobres e ricos, cavando-se um abismo social. Justificá-lo tornou-se a tarefa das ciências humanas que nascem e se oficializam neste período. A psicologia, influenciada pela teoria da evolução natural e pelo cientificismo da época, desempenhou esse papel social, descobrindo os mais e os menos aptos a trilharem os caminhos do sucesso, colaborando de uma maneira muito importante para a crença da chegada de uma vida social calcada na justiça.

A década de trinta do século XX marcou um período de modificação das concepções sobre a criança que não aprendia na escola: de anormal, ela passou a ser designada como criança problema. De acordo com Patto (1996), este período foi marcado pela criação de clínicas psicológicas escolares, nas quais as crianças com dificuldades de aprendizagem eram diagnosticadas e tratadas. Para ela, apesar dessas clínicas terem sido criadas com intenções mais amplas, se transformaram em fábricas de rótulos destinados a crianças das classes menos favorecidas.

Ao nos reportarmos ao cenário brasileiro, podemos ver que a década de sessenta foi marcada pela Escola Nova, cujos princípios estavam alicerçados em teorias desenvolvidas nos EUA e Europa, cujas explicações dos problemas educacionais contrapunham-se às do ensino tradicional.

Na década de 70, estudos realizados sobre a causa das dificuldades de aprendizagem voltam seu enfoque para a participação do sistema escolar no baixo rendimento das crianças menos favorecidas. Desenvolve-se, nesta época, um movimento visando a melhoria da qualidade de ensino, pois o sistema escolar passa a ser valorizado como um porta-voz poderoso na luta do povo pelos seus interesses de classes.

A década seguinte nos traz o discurso de que a escola estava inadequada à realidade dos alunos, uma vez que o próprio currículo já eliminava a chance de aprendizagem das camadas menos favorecidas. O currículo privilegiava os conhecimentos da classe dominante, pois era planejado com base no pressuposto de que as crianças já dominavam certos conteúdos que eram pré-requisitos para a aprendizagem, pois a escola se orientava com princípios voltados para a classe média. Já na metade da década de oitenta, as pesquisas atribuíam aos professores a responsabilidade pelo fracasso escolar, diminuindo a responsabilidade dos alunos. Assim responsabilizar o aluno e sua cultura parecia já não fazer sentido.

Diversos fatores podem influenciar o não-aprender. Paín (1985), ao dimensionar essa questão, aponta a interferência de aspectos biológicos, cognitivos, emocionais e sociais. No que diz respeito aos aspectos biológicos, leva-se em consideração a estrutura, que faz com que o indivíduo registre, grave, e reconheça tudo o que o cerca, através dos sistemas sensoriais. Na dimensão cognitiva, destacam-se três tipos de aprendizagem por meio das quais o sujeito adquire uma conduta nova,

adaptada a uma situação anterior. A aprendizagem da regulação que rege as transformações dos objetos e suas relações mútuas; e a aprendizagem estrutural, vinculada ao nascimento.

No nível social considera-se a aprendizagem como um dos pólos do processo ensino-aprendizagem, que sintetizado constitui o processo educativo dedicado à transmissão da cultura. Por meio dele o sujeito histórico exercita, assume e incorpora a cultura popular. E, por último, os aspectos do desejo, referentes às estruturas inconscientes. Sabemos que nem todas as crianças conseguem passar pelo processo da alfabetização com as mesmas facilidades, sendo que muitas das quais freqüentam a escola, estão impedidas de alcançar o sucesso esperado. Isto causa as rotulações indevidas ao indivíduo e prejuízo para a sociedade, com a ocupação mais demorada de vagas que poderiam ser ocupadas por novos alunos. De acordo com Cordié (apud BOSSA, 2002, p.18):

O fracasso escolar é uma patologia recente. Só pôde surgir com a instauração da escolaridade obrigatória no final do século XIX e tomou um lugar considerável nas preocupações de nossos contemporâneos, em consequência de uma mudança radical na sociedade [...] não é somente a exigência da sociedade moderna que causa os distúrbios, como se pensa muito freqüentemente, mas um sujeito que expressa seu mal-estar na linguagem de uma época em que o poder do dinheiro e o sucesso social são os valores predominantes. A pressão social serve de agente de cristalização para um distúrbio que se inscreve de forma singular na história de cada um.

Esta visão nos faz refletir sobre o papel da escola e do professor nos dias atuais, visto que o fracasso escolar se coloca de forma alarmante e persistente. Temos que repensar a função da escola. De acordo com Bossa (2002, p.19):

No Brasil, a escola torna-se palco cada vez mais de fracassos e de formação precária, impedindo os jovens de se apossarem da herança cultural, dos conhecimentos acumulados pela humanidade e, conseqüentemente, de compreenderem melhor o mundo que os rodeia. A escola, que deveria formar jovens capazes de analisar criticamente a realidade a fim de perceber como agir no sentido de transformá-la e, ao mesmo tempo, preservar as conquistas sociais, contribui para perpetuar as injustiças sociais que sempre fizeram parte da história do povo brasileiro.

As palavras da autora podem ser confirmadas nos meios de comunicação que nos mostram analfabetos aprovados em vestibulares de faculdades particulares, alunos que estão em séries avançadas do Ensino Fundamental e mal sabem ler. Todos esses fatos evidenciam a crise que o sistema educacional brasileiro vem atravessando.

Segundo Bossa (2002), o número de crianças encaminhadas para consultório médico, diagnosticadas pelas escolas como tendo algum tipo de problema é muito grande. A grande maioria não apresenta nenhum tipo de anormalidade, necessitando apenas de uma metodologia diferenciada capaz de proporcionar-lhes uma aprendizagem mais eficaz. Para ela, além de pensarmos na potencialidade intelectual demonstrada, precisamos também pensar no potencial que ela possui e não pode usar.

Collares e Moysés (1996), afirmam que o fracasso escolar se constitui em um problema social e politicamente produzido. Para as autoras, essa questão deve ser resgatada em uma dimensão coletiva e não como um problema individual, nem mesmo somatória de problemas individuais, mas problemas coletivos. Segundo dados obtidos em suas pesquisas, observaram que muitos profissionais indagados sobre as causas do fracasso escolar, se manifestavam de diferentes maneiras. Uns acusavam a família pela falta de interesse em ajudar os alunos em casa, para outros, os responsáveis seriam os professores, ou ainda, a diretora. A falta de interesse dos alunos também foi abordada. Elas afirmam que:

Centrar as causas do fracasso escolar em qualquer segmento que, na verdade, é vítima, seja a criança, a família, ou o professor, nada constrói, nada muda. Imobilizante, constitui um empecilho ao avanço das discussões, da busca de propostas possíveis, imediatas e, a longo prazo, de transformações da instituição escolar e do fazer pedagógico. (COLLARES; MOYSÉS, 1996, p.217)

Compartilhamos com a posição das autoras, de que é necessário buscar soluções para o fracasso escolar, precisamos parar de apontar culpados, mas buscar soluções efetivas e capazes de realizar transformações para a situação que está posta no cenário educacional brasileiro atualmente. Podemos encontrar esta preocupação em vários autores, como por exemplo, Ryan (apud COLLARES; MOYSÉS, 1996, p.217) "o que deveria ser um objeto de reflexão e mudança- o processo pedagógico- fica mascarado, escamoteado, pelo diagnosticar e tratar singularizado, localizar o fracasso, o problema, o 'mal' na criança significa perpetuar a situação, pela culpabilização da vítima".

Collares e Moysés (1996) as conseqüências da estigmatização de crianças sadias, decididamente faz com que elas se sintam doentes e suas ações passam a ser as de uma pessoa realmente doente, comprometendo assim, sua auto-estima e seu auto-conceito. Tais circunstâncias reduzem suas chances de aprender.

Mantovanini (2001), defende uma avaliação mais apurada desses alunos rotulados como incapazes de aprender, pois, se eles fossem submetidos a um outro tipo de assistência e intervenção dentro da escola, não se tornariam casos clínicos ou alunos-problema. Para ela, o fracasso escolar é fruto, principalmente, do preconceito existente sobre a capacidade das crianças oriundas das camadas populares. A condição social não pode

explicar, de forma satisfatória, o porquê de tantas crianças não terem êxito escolar em seu processo de escolarização. A responsabilidade pelo malogro escolar, retirada dos alunos passa a ser atribuída aos professores.

Desenvolvimento da Pesquisa

As mudanças significativas da qual falamos puderam ser constatadas no decorrer de nossa pesquisa. Nosso trabalho esteve voltado para uma escola pública de Maringá, na qual tivemos a oportunidade de defrontarmos com os problemas já citados. Apesar de ter sido grande o número de crianças apontadas como tendo dificuldades de aprendizagem, nosso grupo de pesquisa se limitou a três escolares, sendo um aluno da 4ª série e dois da 3ª, indicados pelos professores e pela equipe pedagógica.

Os procedimentos adotados para coleta de dados sobre a situação inicial dos alunos foram: entrevistas com pais, professores e equipe pedagógica, com o objetivo de registrar as queixas relacionadas a essas crianças. Avaliação de leitura e escrita, realizadas conforme indicações de Napolini (1996), Cocco e Hailler (1996); Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (E.O.C.A.), realizada de acordo com Visca (1987), a fim de conhecer os vínculos dos alunos com a aprendizagem; Verificação do conhecimento matemático, por meio de atividades com panfleto; Provas Projetivas Psicopedagógicas: Desenho livre, Família educativa, O plano de sala de aula, Os quatro momentos de um dia. As provas projetivas foram pensadas no sentido de conhecer aspectos do desenvolvimento cognitivo dos alunos, bem como alguns vínculos estabelecidos por eles com os professores, colegas e com a aprendizagem. A análise dos dados colhidos foi fundamentada em Visca (1995, 1998).

A partir da avaliação inicial, foi delineado o trabalho de intervenção e atendimento a cada uma das crianças, com periodicidade semanal e duas horas de duração. O atendimento foi realizado de junho a novembro do ano de 2002, sendo que duas crianças foram atendidas em conjunto, na própria escola e uma numa sala do Programa de Pesquisa e Apoio a Excepcionalidade da Universidade Estadual de Maringá.

Faz-se necessário informar que as provas foram utilizadas como parte de uma avaliação e não propriamente com o objetivo de diagnóstico psicopedagógico. Além disso, elas foram aplicadas e analisadas sob supervisão de uma psicóloga com formação em Psicopedagogia.

De um modo geral, as atividades de intervenção foram: jogos matemáticos de multiplicação e subtração; Banco Imobiliário; Bingo das palavras; Jogo da memória com letras e figuras; Stop; livro sem estória; mini mercado; jogos com personagens e enredo de contos de fadas; Dominó; leituras diversas; produção de texto, trabalho desenvolvido com temas relacionados às necessidades das próprias crianças, tais como: sexualidade, entre outros.

Todas essas atividades foram realizadas na tentativa de minimizar as dificuldades de aprendizagem. Esse fato é muito preocupante no meio

educacional, no qual é inadmissível observar-se a quantidade de alunos encaminhados para psicólogos, por serem considerados portadores de alguma deficiência e não conseguirem atingir níveis satisfatórios de aprendizagem.

Resultados e Considerações Finais

As crianças por nós analisadas eram consideradas casos clínicos pelos professores, no entanto, com o auxílio das avaliações pudemos constatar o contrário, que eles precisavam apenas de um trabalho de intervenção educativa, a fim de superar ou pelo menos minimizar suas dificuldades de aprendizagem.

No decorrer da intervenção educativa, constatamos uma grande defasagem de conteúdos escolares, até mesmo de alfabetização. Quando iniciamos a intervenção nos deparamos com crianças tímidas com baixa auto-estima, que se consideravam incapazes de realizar as atividades propostas. Ao término do trabalho, o cenário já se mostrava diferente, as crianças demonstravam sentir-se mais confiantes de suas capacidades, ou seja, sentiam-se inseridas no processo ensino-aprendizagem. Os resultados da intervenção podem ser considerados relevantes, pois, os alunos a ela submetidos demonstraram melhoras significativas no aprendizado.

Concordamos com Mantovanini (2001), quando ela nos diz que mesmo diante de tantas tentativas para compreensão da causa do fracasso escolar, com vistas à superação, há muito que se fazer ainda. Essa observação condiz com a situação dos alunos analisados, pois, em todos os casos, os professores apontavam para a necessidade de um encaminhamento psicológico e fonoaudiológico. Indicações equivocadas como essas só fazem aumentar os índices de alunos fracassados nas escolas, pois, fracassam também as tentativas por parte dos professores de buscar alternativas pedagógicas que visem minimizar tal situação. Nos casos investigados nesta pesquisas ficou evidente que aos alunos era necessário apenas acompanhamento pedagógico mais adequado.

Mantovanini (2001), fala da necessidade de conscientizar os professores para o processo pedagógico, no qual estão presentes três elementos, todos com a mesma importância para o sucesso da aprendizagem: o professor, o conteúdo e o sujeito que aprende. Se o aluno não aprende, os outros dois também falharam neste processo. Precisamos acreditar que todos os casos de aprendizagem são passíveis de solução e que não há caso perdido. Diante deste contexto reforçamos a importância do Coordenador Pedagógico, na tomada de decisões frente aos problemas de sua instituição e na orientação de sua equipe de professores na tentativa de superar ou ao menos minimizar o quadro de fracasso escolar tal como ele se apresenta.

Referências

BOSSA, N. A. **Fracasso escolar**: um olhar psicopedagógico. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

CÓCCO, M. F; HAILLER, M. A. **Didática de alfabetização**: decifrar o mundo: alfabetização e socioconstrutivismo. São Paulo: FTD, 1996.

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. **Preconceitos no cotidiano escolar**: ensino e medicalização. São Paulo: Cortez. Campinas: Unicamp – Faculdade de Educação – Faculdades de Ciências Médicas, 1996.

MANTOVANINI, M. C. **Professores e alunos problemas**: um círculo vicioso. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

NASPOLINI, A. T. **Didática de Português**. Tijolo por tijolo: leitura e produção. São Paulo: FTD, 1996.

PAIN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Trad. Ana Maria Machado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar**: o problema escolar e de aprendizagem. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

VISCA, J. **Clínica Psicopedagógica**. Epistemologia convergente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____. **Técnicas projectivas psicopedagógicas**. Buenos Aires: A. G. Serviços Gráficos, 1995.

_____. **Pautas gráficas para la interpretacion de las técnicas projectivas psicopedagógicas**. Buenos Aires: A. G. Serviços Gráficos, 1998.

Endereço para correspondência:
R: Joana D'Arc, 755 – Jardim Glória –
CEP: 87047-080 – Maringá-PR
E-mail: n.bicudo@uol.com.br